

Guia de Comunicação Não Violenta

**para adultos que se
relacionam com crianças e
adolescentes de 8 a 12 anos**

Créditos

Curso de Psicologia da PUC-SP

**Disciplina Núcleo 2: Núcleo 2 - P1: A Psicologia e a Saúde
Pressupostos para a Prática Profissional do Psicólogo**

AUTORES:

**Beatriz Maciel dos Santos
Brunna Gomes Martucelli
Fernanda Torres Livreri
Guilherme Santana de Mendonça
João Tourinho Peres Novaes
Julia Longo de Oliveira Gomes
Mariana De Viglio Trindade
Marina Araujo Aith
Nicole Chalom Matone
Nicolas Goldbaum
Isabela Bopp
Isabella Schott**

APOIO:

**Sabrina Santos Rodrigues
Fernanda de Godoy Pereira
Max Alain de Fraipont Halembeck**

ORIENTAÇÃO: Profa. Dra. Vera Lucia Ferreira Mendes

Estratégias de Comunicação

e manejo de comportamento

01

Definir papéis

Adultos não devem se colocar como iguais aos adolescentes. É preciso assumir a responsabilidade de estabelecer limites, filtrar informações e não compartilhar problemas pessoais que geram inseguranças. Isso transmite segurança aos jovens, que se sentem protegidos ao saber que não precisam assumir as mesmas responsabilidades dos adultos.



02

Estabelecer limites claros

Limites devem ser baseados na avaliação de consequências e comunicados com clareza e coerência. Regras precisam ser sensatas, explicadas e cobradas, pois normas sem sentido e inconsistentes perdem a credibilidade.



03

Dialogar

Evitar encerrar conversas prematuramente. Conversar é fundamental para ajudar os jovens a organizar ideias e refletir sobre suas experiências. O diálogo deve ser aberto, acolhedor e sem julgamentos. Em situações de risco, decisões firmes devem ser tomadas, explicando-se os motivos como forma de cuidado e proteção.



O que fazer se essas estratégias não forem contempladas?

01

Sustentar combinados

Quando os acordos não são cumpridos, é importante retomar os combinados com firmeza e clareza. Consequências precisam fazer sentido e ser aplicadas com coerência, evitando ameaças, gritos ou punições excessivas. A previsibilidade ajuda os jovens a compreenderem limites e responsabilidades.



02

Retomar o vínculo

Quando há resistência, conflitos frequentes ou dificuldades no convívio, fortalecer o vínculo torna-se essencial. Escuta, acolhimento e presença ajudam o jovem a sentir-se seguro para se expressar e construir novas formas de se relacionar.



“ A comunicação eficaz é uma construção conjunta, mas o adulto tem a responsabilidade de promovê-la, buscando aproximação e colaboração ”

“E quando não me escutam?”

O que pode significar uma postura oppositora diante de limites?

Uma postura desafiadora por parte de uma criança na segunda infância pode ser fruto de diversos fatores, desde aprendizados vistos e tidos com outras crianças ou vivenciando situações dentro de casa (violentas ou não), até uma reação de difícil autocontrole no momento em que a criança coloca em jogo seus próprios limites. Muitas vezes, o desafio se dá para a criança não na regra em si, mas sim em quem a enuncia ou naquilo que ela provoca. Assim, esse comportamento também pode ser compreendido como uma forma de comunicação, expressando sentimentos, necessidades ou dificuldades que, naquele momento, a criança pode não conseguir organizar ou expressar de forma adequada. Logo, é importante adotar estratégias que favoreçam um manejo baseado em respeito e afeto, ajudando a criança a transformar sua forma de lidar com regras e limites.



o que posso fazer?

Abordando a criança

Comunique-se com ela:

- Diga o que não gostou no comportamento da criança.
- Olhe nos olhos, abaixe-se e tente, se possível, ficar na altura dela, para que compreenda que o assunto é sério e que seus atos têm consequências para si e para o grupo. Dessa forma, ela poderá entender o ocorrido de maneira direta, calma e clara.
- Além de comunicar o limite, é importante abrir espaço para que a criança explique o que aconteceu, favorecendo que ela reconheça sua participação na situação. Esse momento pode ser usado para ajudá-la a pensar em formas de reparar o ocorrido e agir de outra maneira em situações futuras.

Indo por outro caminho

Muitas vezes, pensamos e recorremos diretamente ao grito e à agressão, o que, de fato, pode funcionar a curto prazo, mas não funciona tão bem a longo prazo, já que a punição, às vezes, pode parecer sem sentido aos olhos das crianças. Por isso, contornar a situação de uma forma mais amena ou lúdica se torna uma alternativa mais rica em aprendizados, podendo-se, então:

- Explicar a 'bronca': por que a criança deveria obedecer naquele momento?
- Propor métodos lúdicos para que cooperem, como competições de quem guarda primeiro.
- Validar os momentos em que a criança auxilia.
- Validar e cativar momentos bons em conjunto, para que haja maior motivação em seguir regras.



Leve sempre em consideração o contexto que a criança vive ao tentar entender seus comportamentos e então abordá-la

Maneiras de estabelecer limites

Por que as crianças e adolescentes testam os limites?

Entre 8 e 12 anos, crianças e adolescentes passam por um período de ampliação da autonomia, da convivência em grupo e da busca por reconhecimento entre os pares. Segundo Piaget, nessa fase elas desenvolvem gradualmente a compreensão das regras e da cooperação, mas ainda estão aprendendo a considerar diferentes perspectivas e a regular seus comportamentos. Para Erikson, trata-se de uma etapa em que o sentimento de competência é construído a partir das experiências de participação e pertencimento. Por isso, questionar regras, desafiar combinados e testar limites faz parte do desenvolvimento. Em contextos marcados por vulnerabilidades sociais e diferentes formas de violência, esses desafios podem se tornar ainda mais frequentes, exigindo dos adultos uma postura não apenas firme, mas também, acolhedora e educativa.



Dicas

01 Retomar os combinados quando necessário

Retome os combinados frequentemente e certifique-se de que as crianças e adolescências compreendem o motivo deles existirem.

02 Rigidez X acolhimento

É possível ouvir e validar sentimentos sem permitir comportamentos que podem prejudicar o grupo!

03 Evite negociar regras básicas

Os combinados essenciais devem permanecer estáveis para que o grupo saiba o que pode esperar diariamente, ajudando na redução de estresses por incertezas.

04 Não colocar um holofote

Cuidado para não apontar diretamente um desrespeito e possivelmente vulnerabilizar uma pessoa

05 Não produza conflitos

Quando o clima ficar tenso, recorra aos combinados institucionais: "Essa é uma regra do grupo", em vez de "Não faça isso, estou mandando!". Isso reduz disputas de poder que podem atrapalhar a organização cotidiana.

06 Mantenha coerência entre os adultos.

Crianças e adolescentes percebem rapidamente quando os adultos agem de formas muito diferentes diante da mesma situação. Alinhamentos frequentes entre a equipe fortalecem o enquadre e seriedade do trabalho.

O que é enquadre?

Segundo Pichon-Rivière, todo grupo necessita de um enquadre: um conjunto de combinados, regras e formas de funcionamento que organiza a convivência e dá segurança aos participantes. O enquadre inclui horários, responsabilidades, formas de comunicação e maneiras de lidar com conflitos.

Mais do que impor proibições, ele oferece previsibilidade e ajuda a construir relações de respeito. Quando os limites são claros e compartilhados por toda a equipe, diminui-se a necessidade de punições e aumentam-se as possibilidades de diálogo e participação.

07 Tente prevenir situações desconfortáveis quando possível.

Muitos conflitos podem ser evitados com orientações claras antes das atividades, especialmente em momentos de transição, jogos, passeios e uso de materiais compartilhados.

08 Escolha o momento adequado para conversar

Nem toda situação precisa ser resolvida no auge da emoção. Em alguns casos, é mais produtivo aguardar que todos se acalmem para só assim retomar o ocorrido

09 Valorize comportamentos positivos

Reconhecer diariamente atitudes de cooperação, respeito e cuidado fortalece a convivência e incentiva que esses comportamentos se repitam.

10 E lembre-se: limite também é cuidado

Limites não servem apenas para restringir comportamentos, mas para orientar e cuidar. Quando são claros, consistentes e respeitosos, ajudam a proteger as crianças, os adolescentes e o grupo, contribuindo para um ambiente mais seguro, acolhedor e favorável ao desenvolvimento de todos.

Como agir diante de um conflito

Os conflitos são muito recorrentes, mas fazem parte do desenvolvimento

01

Manter a calma

Educadores são a referência dos adolescentes, portanto, é preciso chegar no conflito de maneira calma e serena, para que um diálogo tranquilo possa ser estabelecido logo no início, tornando a sua resolução mais fácil para todos

02

Escutar todas as partes

É fundamental que os adolescentes se sintam ouvidos, portanto é necessário que todos os pontos de vista sejam escutados e acolhidos, para que haja um maior entendimento e justiça na resolução do conflito. É importante que o educador tome cuidado para não julgar previamente um adolescente como errado devido a um histórico mais conflituoso ou rebelde

03

Promover a auto-resolução

Os adolescentes devem tentar resolver os conflitos por conta própria, sendo papel do educador chegar inicialmente com a intenção de acalmar e organizar a situação, dando uma chance para que o conflito seja resolvido de uma maneira positiva, proposta pelos próprios adolescentes presentes na situação, o que gera autonomia e confiança para momentos futuros

04

Evitar punições

Muitos conflitos são saudáveis na adolescência, promovendo autonomia, estratégias de negociação e regulação de emoções, portanto é muito importante que os educadores promovam a resolução dos conflitos com base no diálogo, evitando ao máximo punições desnecessárias.

05

Desrespeito nunca!

O conflito é saudável até que haja desrespeito por uma das partes, sendo fundamental o estabelecimento de limites de convivência, e, quando necessário se deve fazer intervenções para que o respeito seja mantido

O que evitar?

ao lidar com crianças e adolescentes de 8 a 12 anos

01

Gritos e agressividade verbal

- Evitar a utilização de gritos para falar com as crianças
- Evitar desrespeitá-las com xingamentos ou falas depreciativas
- O tom de voz elevado e agressivo apenas aumenta o conflito, gera medo e dificulta o diálogo e a construção de vínculos positivos.

02

Humilhações e exposições

- Evitar constranger a criança na frente do grupo
- Evitar o uso de apelidos indesejados ou comentários irônicos
- Priorizar conversas individuais e respeitadas para orientar comportamentos.

03

Uso de ameaças

- Explique o motivo das regras e dos combinados.
- Ao corrigir um comportamento, explique o que está inadequado e por que ele não deve ser repetido.
- Evite utilizar o medo como forma de controle, pois ele gera obediência momentânea, mas não favorece a compreensão das regras.
- Promova rodas de conversa para refletir sobre comportamentos e convivência no grupo.

04

Rótulos e julgamentos

- Evite definir a criança por um comportamento específico, utilizando expressões como "bagunceiro", "preguiçoso" ou "mal-educado".
- Priorize observações livres de julgamentos, descrevendo o que aconteceu sem atribuir características negativas à criança.
- Rótulos podem afetar a autoestima, prejudicar vínculos e reforçar comportamentos indesejados.

05

Indiferença e falta de escuta

- Evite utilizar o celular durante momentos de interação.
- Priorize a observação e o acompanhamento das atividades.
- Evite deixar o grupo sem uma proposta definida por longos períodos. Momentos prolongados sem direcionamento podem aumentar a agitação e dificultar a convivência.
- Tenha opções de atividades extras para momentos de transição.

Referências

GOUVEIA-PAULINO, Fernanda Alves da Cruz; SCHLIEMANN, Ana Laura; STRELHOW, Miriam Raquel Wachholz (orgs.). Projeto de vida: desafios e estratégias para engajamento de adolescentes. Uma reflexão e contribuição da Psicologia da PUC-SP a docentes e pais que acreditam no futuro. São Paulo: EDUC, 2025. 226 p. ISBN 978-85-283-0728-3.

FERREIRA, Hugo Monteiro. Vamos conversar sobre bullying e cyberbullying? Brasília: Senado Federal, Comissão Parlamentar de Inquérito dos Maus-Tratos contra Crianças e Adolescentes, 2017.

INTENCIONALIDADE DA AÇÃO EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO DAS ATIVIDADES. Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 14, n. 15, 2010

SOUZA, Walquíria de; LUZ, Iza Rodrigues da. Docência na Educação Infantil: desafios diante de comportamentos agressivos das crianças. Revista Tópicos Educacionais, Recife, v. 27, n. 1, p. 79-97, 2021.

PICHON-RIVIÈRE, E. O processo grupal. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PIAGET, J. O juízo moral na criança. São Paulo: Summus, 1994.

ERIKSON, E. H. Infância e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1976